

BOAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO SUPERIOR

Isabel Gonçalves, Instituto Superior Técnico, isabel.goncalves@ist.utl.pt

Ana Lucas, Instituto Superior Técnico, ana.a.lucas@ist.utl.pt

Resumo: O período do pós-Processo de Bolonha conduziu a uma reflexão profunda no âmbito dos processos de Garantia da Qualidade interna no ensino superior português. Neste contexto, o IST desenvolveu nos últimos anos um Sistema Integrado de Qualidade (SIQuIST), que, entre outros, pretende adotar as melhores práticas europeias no âmbito da qualidade do ensino. O primeiro passo consistiu no desenvolvimento do sistema de garantia da Qualidade das Unidades Curriculares (QUC), e o passo seguinte na identificação, descrição e categorização das boas práticas pedagógicas dos docentes do IST de acordo com o descrito pelos autores Chickering & Gamson (1987) e Biggs & Tang (2003).

As seguintes etapas permitiram testar e identificar as melhores práticas pedagógicas através da aplicação de inquéritos aos Docentes Excelentes do IST que possibilitaram a identificação de 6 perfis de docência, bem como das melhores práticas pedagógicas utilizadas nos diferentes tipos de unidades curriculares. Posteriormente, foram realizadas entrevistas exploratórias aos Docentes Excelentes, que permitiram aprofundar e descrever os processos e práticas pedagógicas utilizadas por estes e também foi realizada uma análise exaustiva às páginas on-line das unidades curriculares, que permitiu incluir a visão dos alunos sobre a qualidade dos recursos pedagógicos disponibilizados. O trabalho desenvolvido constitui-se como um referencial técnico às boas práticas pedagógicas dos docentes do IST, tendo sido sucedido pela criação na página on-line do QUC, de um separador dedicado às Práticas de Docência que reúna toda a documentação de apoio à docência produzida no âmbito do projeto.

Introdução

O projeto do Manual de Boas Práticas Pedagógicas tem como principal objetivo identificar e divulgar as melhores Práticas Pedagógicas usadas pelos docentes de engenharia nas suas unidades curriculares (U.C.). O Manual de Boas Práticas Pedagógicas está integrado no QUC, sendo um sub-sistema de avaliação que faz parte do SiquIST. O QUC pretende monitorizar e promover a melhoria da qualidade de ensino, aprendizagem e dos processos de avaliação, envolvendo e tendo em consideração os seus principais atores: docentes e alunos.

Relativamente ao QUC, os docentes são obrigados a preencher os Relatórios de Docência (relatórios semestrais, acessíveis a todos os docentes após autenticação no sistema de comunicação interno do IST: o Fénix), onde entre outro tipo de informação, lhes é pedido que indiquem as estratégias de ensino utilizadas e consideradas relevantes para o bom desempenho naquela U.C.. Analogamente, também os Delegados de Ano (estudantes eleitos

pelos seus pares, e que representam todos os alunos daquele ano curricular durante um ano letivo) preenchem obrigatoriamente um Relatório de Discência onde, entre outros, podem avaliar a qualidade dos conteúdos das páginas on-line das U.C., considerando a quantidade e clareza da informação disponibilizada.

Construindo Boas Práticas Pedagógicas

Categorização de Práticas Pedagógicas

Na categorização das práticas pedagógicas foram considerados os Relatórios de Docência do 2º semestre de 2007/08 e do 1º semestre de 2008/09. O primeiro desafio residiu na categorização das práticas descritas pelos docentes, através da análise de conteúdo da informação recolhida, contudo em alguns casos, a informação encontrava-se incompleta, era pouco objetiva e confusa. Após uma primeira tentativa de categorização pouco eficaz, a categorização final aqui proposta foi realizada tomando como ponto de partida o artigo ‘Seven Principles for Good Practice in Undergraduate Education’ (Chickering e Gamson, 1987) e o conceito de alinhamento construtivo (Biggs e Tang, 2003).

A totalidade das 1354 estratégias válidas foi categorizada em 55 variáveis, e posteriormente organizada em 9 Grupos de Boas Práticas (BP): BP1 - Encorajar a interação entre os estudantes e os Docentes; BP2 - Encorajar a interação e a colaboração entre os estudantes; BP3 - Uso de metodologias e técnicas de aprendizagem ativa; BP4 - Garantir que o aluno obtém feedback imediato sobre o seu desempenho; BP5 - Dar ênfase à realização das tarefas dentro dos tempos estipulados; BP6 - Comunicar expectativas elevadas aos alunos; BP7 - Respeitar a diversidade – de talentos, experiências e modos de aprender; BP8 - Explicitar os objetivos de aprendizagem; BP9 - Estruturar materiais de apoio à aprendizagem que permitam alinhar os objetivos de aprendizagem com as práticas de avaliação da U.C..

Questionário Boas Práticas Pedagógicas

Com o objetivo de encontrar entre as práticas pedagógicas originalmente identificadas as melhores práticas, bem como testar a integridade dos 9 grupos de práticas pedagógicas, as 55 categorias foram testadas num inquérito dirigido a todos os Docentes Excelentes (um Docente é considerado Excelente se 75% dos seus alunos o avaliarem acima da média nos tópicos da assiduidade, cumprimentos dos objetivos de aprendizagem, capacidade pedagógica e interação com os alunos, e se simultaneamente obtiver resultados excelentes nos últimos três tópicos, tendo preenchido o Relatório de Docência e descrito as estratégias de ensino utilizadas, e ainda se não tiver resultados a melhorar) do 2º semestre de 2007/08 e de todo o ano letivo de 2008/09.

O questionário obteve uma taxa de resposta de 86,7%, e todos os docentes respondentes assinalaram de entre as práticas listadas, as utilizadas por si na sua U.C. e consideradas pelo próprio como práticas pedagógicas excelentes e com bons resultados. Apenas as práticas assinaladas por um mínimo de 35% dos respondentes foram consideradas válidas, e por conseguinte excelentes.

Através de uma análise hierárquica de clusters e do método do Furthest Neighbor, os dados foram reduzidos de 55 para 22 variáveis, e reagrupados em 6 grupos de boas práticas.

Alguns dos grupos não correspondiam aos originalmente definidos, em particular o BP6 - Comunicar expectativas elevadas aos alunos e o BP7 - Respeitar a diversidade – de talentos, experiências e modos de aprender. Estas foram categorias sub-representadas, e nas práticas listadas não se destacaram de entre as mais utilizadas pelos docentes excelentes.

Os clusters identificados correspondiam apenas parcialmente à categorização inicialmente proposta e baseada em Chickering & Gamson (1987) e em Biggs & Tang (2003). Os 6 novos grupos, pareciam indicar a existência de perfis de docência distintos entre grupos, mas semelhantes dentro de cada grupo. Por exemplo, o Cluster 1 parece indicar um perfil de

docência que poderá ser nomeado como “Docência Alinhada”: Estruturar os materiais de apoio de forma alinhada com os objetivos da aprendizagem e as práticas de avaliação; Encorajar a interação entre os estudantes e a faculdade e garantir feedback imediato ao aluno sobre o seu desempenho. O Cluster 2 parece indicar um perfil de docência que poderá ser nomeado como “Docência Pró-ativa”: Uso de metodologias e técnicas de aprendizagem ativa e dar ênfase à realização das tarefas dentro dos tempos estipulados. O cluster 3 parece indicar um perfil de docência que poderá ser nomeado como “Docência Prática”: comunicar expectativas elevadas aos alunos; encorajar a interação e a colaboração entre os estudantes; uso de metodologias e técnicas de aprendizagem ativa; garantir feedback imediato ao aluno sobre o seu desempenho e dar ênfase à realização das tarefas dentro dos tempos estipulados. O cluster 4 parece indicar um perfil de docência que poderá ser nomeado como “Docência Inclusiva”: respeitar a diversidade – de talentos, experiências e modos de aprender; encorajar a interação entre os estudantes e a faculdade e garantir feedback imediato ao aluno sobre o seu desempenho. O cluster 5 parece indicar um perfil de docência que poderá ser nomeada como “Docência Motivacional”: respeitar a diversidade – de talentos, experiências e modos de aprender; uso de metodologias e técnicas de aprendizagem ativa e garantir feedback imediato ao aluno sobre o seu desempenho. O cluster 6 parece indicar um perfil de docência que poderá ser nomeado como “Docência Orientada para o Aluno”: explicitar os objetivos de aprendizagem; estruturar os materiais de apoio de forma alinhada com os objetivos da aprendizagem e as práticas de avaliação e encorajar a interação entre os estudantes e a faculdade.



Figura 1: Correspondência entre os perfis de docência e os Grupos de Boas Práticas como definidos por Chickering & Gamson (1987), and Biggs & Tang (2003)

Análise das Páginas das U.C.

Nos Relatórios de Discência, os Alunos Delegados têm a oportunidade de avaliar as páginas on-line das U.C., considerando duas dimensões (entre outras, aqui não especificadas): “A informação na página da U.C. era suficiente?” e “A informação na página da U.C. era compreensível?”.

O ponto de vista dos alunos foi aqui considerado, pois existia um particular interesse em compreender a forma como a informação disponível nas páginas das U.C. estava a ser percebida pelos seus principais destinatários: os alunos. Assumiu-se que o bom uso das páginas das U.C. era uma boa prática pedagógica, no sentido em que aproxima os alunos dos assuntos abordados na aula, e facilita o acesso aos materiais e à informação considerada relevante para o estudo autónomo, exigido pelo Processo de Bolonha.

A questão de partida identificada foi: “quais eram as maiores diferenças entre as páginas melhor e pior avaliadas?”. A análise compreendeu uma amostra das piores médias e melhores

páginas avaliadas em ambas as dimensões analisadas pelos Delegados de Ano nos Relatórios de Discência. Durante o processo de observação das páginas foi identificado um grupo de atributos (ver abaixo), sendo as principais diferenças encontradas entre os três tipos de páginas de unidades curriculares as seguintes:

- Relativamente à **disponibilização detalhada dos métodos de avaliação** (compreendendo os diferentes métodos de avaliação; o seu peso; os objetivos; calendarização; etc.): 47,8% eram páginas melhor avaliadas e 20,0% eram páginas pior avaliadas.
- Relativamente à **disponibilização de horário de atendimento**: 66,7% eram páginas melhor avaliadas e 16,7% eram páginas pior avaliadas.
- Relativamente à **disponibilização de material de apoio**: 69,1% eram páginas melhor avaliadas e 16,25% eram páginas pior avaliadas.
- Relativamente à **disponibilização de exercícios, testes nas U.C. de Problemas**: 54,7% eram páginas melhor avaliadas e 18,9% eram páginas pior avaliadas.
- Relativamente à **disponibilização on-line de alguma bibliografia**: 66,7% eram páginas melhor avaliadas e 12,1% eram páginas pior avaliadas.
- Relativamente à **adaptação dos Descritores de Dublin aos objetivos da U.C.**: 53,6% eram páginas melhor avaliadas e 17,9% eram páginas pior avaliadas.

Em todos os atributos considerados, as páginas melhor classificadas obtiveram melhores resultados, o que embora não seja surpreendente, é um indicador claro de que os alunos reconhecem e valorizam páginas de U.C. bem organizadas. Tal significa que se disponível, os alunos usam a informação on-line e que as páginas das U.C. são, para os alunos, uma importante ferramenta de apoio ao estudo.

Entrevistas aos Docentes Excelentes

Entre Julho e Setembro de 2011 foram conduzidas entrevistas com 12 dos Docentes Excelentes, pretendendo aprofundar a descrição e a reflexão feita nos Relatórios de Docência, das suas práticas pedagógicas. O resultado destas entrevistas foi já parcialmente divulgado durante as Jornadas Pedagógicas – Boas Práticas Pedagógicas no IST, que se realizaram a 10 e 11 de Novembro no IST, num vídeo masterizado que reúne os melhores contributos de cada um dos entrevistados. O vídeo já foi apresentado publicamente e as entrevistas serão publicadas na íntegra na página do QUC – Práticas de Docência, pretendendo contribuir assim para a disseminação das boas práticas entre o corpo docente (para uma breve descrição do Guião de Entrevista, ver Gonçalves *et al.*, 2010).

Desafios e Barreiras

Como referido anteriormente, as respostas incompletas e as descrições pouco aprofundadas das práticas pedagógicas com impacto positivo para os bons resultados da U.C. foram os principais problemas com que a equipa de investigação se deparou no início, e que dificultaram bastante a primeira tentativa de categorização, sendo importante reduzir ao mínimo o nível de inferência sobre algumas das práticas descritas.

Genericamente os docentes parecem não valorizar ou refletir sobre a importância das boas práticas de aprendizagem, nem sobre o modo como estas podem ajudar os alunos a alcançar os objetivos da U.C..

As categorias que serviram de referencial na identificação e classificação das boas práticas pedagógicas (Chickering e Gamson, 1987), poderão não ser as mais adequadas à realidade do ensino superior português, aos seus objetivos e avaliação, já que foram desenvolvidas no contexto muito específico do sistema de ensino superior norte-americano – pode dizer-se que se regista um elevado número de ocorrências nalgumas das categorias e outras que estão claramente sub-representadas, o que poderá merecer algum esforço

explicativo em estudos posteriores. Quanto à introdução do conceito de alinhamento construtivo (Biggs & Tang, 2003), com uma longa tradição na investigação a respeito dos métodos de ensino no superior, pareceu-nos pertinente, já que o mesmo se encontra subjacente ao desenvolvimento pleno do recente paradigma de Bolonha (ver Lourtie, 2009 para uma analogia entre o alinhamento construtivo e a garantia da qualidade). Efetivamente o “alinhamento construtivo” revelou-se uma categoria importante para alguns docentes excelentes - um desafio válido consistiria em prolongar o estudo das páginas das UC com o objetivo de verificar até que ponto são congruentes com o conceito e, ainda, com as práticas em sala de aula.

Discussão

Novas direções e melhorias

As primeiras análises parecem indicar um conjunto de boas práticas usadas por docentes considerados excelentes, sendo este o ponto de partida da investigação. Após a identificação das boas práticas, foram propostas alterações ao QUC, em particular aos Relatórios de Docência. Onde antes os docentes encontravam um campo de resposta aberta para descrever as práticas pedagógicas implementadas e desenvolvidas naquela U.C., desde o 1º semestre de 2010/2011 que encontram uma lista de práticas organizadas por grupos, onde podem assinalar as que utilizam, mantendo naturalmente um campo de resposta aberta para que os docentes possam descrever as práticas não contempladas na lista.

Foi adicionada uma nova secção na página do QUC (<http://quc.ist.utl.pt>), denominada por Práticas de Docência, que facilitará o acesso a toda a informação e materiais que ajudarão os docentes a adaptar as suas práticas de docência aos objetivos da U.C.. Nesta secção, de

acesso livre a todos os docentes do IST, serão traduzidos e publicados textos considerados relevantes para a prática da docência no ensino superior.

Entre Julho e Setembro de 2011 foram conduzidas entrevistas com 12 dos Docentes Excelentes e estas entrevistas pretendiam aprofundar a descrição e a reflexão feita nos Relatórios de Docência a respeito das suas práticas pedagógicas.

Espera-se que a partilha de ideias e a reflexão em torno das “Boas Práticas de Docência” entre os docentes entrevistados, os elementos do Conselho Pedagógico, a equipa do QUC e toda a comunidade do IST (estudantes incluídos) resulte na melhoria da qualidade pedagógica das atividades de docência, bem como na atempada identificação das necessidades do corpo docente do IST.

O Gabinete de Apoio ao Tutorado (Lourtie, 2009) iniciou em 2008 uma formação piloto para docentes, complementada por um *follow-up* personalizado usando a “Metodologia Coaching” (Pérez, 2009) que pode ser utilizada, em complemento, como um modelo de melhoria do processo de ensino-aprendizagem do IST, em particular junto dos docentes cujas práticas pedagógicas necessitem de ser melhoradas e adequadas aos objetivos de aprendizagem da sua U.C.

O resultado final esperado, é a publicação de um Manual de Boas Práticas no Ensino, um documento que se espera poder melhorar a qualidade do ensino e potenciar a aprendizagem, contribuindo para a disseminação das boas práticas entre colegas, no sentido em que as práticas descritas são relevantes neste contexto, e provaram ser úteis através da avaliação feita pelos docentes e pelos alunos.

Notas Finais

Com o objetivo de garantir a qualidade nas instituições, a transparência e grau de comparabilidade entre os programas de aprendizagem, os sistemas de garantia da qualidade são uma realidade imperativa nas Universidades Europeias.

Estes sistemas devem seguir e estar alinhados com a missão de cada Instituição de Ensino Superior, os objetivos e os sistemas de recompensa (Lourtie, 2010), devem envolver toda a comunidade e produzir um conjunto de indicadores que permitam uma revisão sistemática e sistémica das suas linhas de ação, “usando métricas multidimensionais”, sem esquecer que “apenas o que é medido pode ser melhorado” (King *et al.*, 2009).

Partilhando a experiência do IST relativa à edição e disseminação das Boas Práticas Pedagógicas, tornando explícitas as melhorias, os desafios e as limitações do trabalho desenvolvido, espera-se poder contribuir para a construção de alianças e parcerias a nível nacional e internacional, com outras escolas que estejam a implementar procedimentos semelhantes ou que tenham projetos idênticos.

Referências

- Biggs & Tang (2003). *Teaching for Quality Learning at University*. Second Edition, The Society for Research into Higher Education & Open University Press.
- Chickering & Gamson (1987). Seven Principles for Good Practice in Undergraduate Education *American Association of Higher Education Bulletin* vol. 39, nº 7, pp 3 – 7.
- Gonçalves, I. C., Lucas, A., Pile, M. & Patrocínio, C. (2010). Internal Quality Assurance Processes at IST – towards a manual of best practices in teaching, paper presented at the *Learning and Teaching in Higher Education Seminar* (Évora, April) - [https://dspace.ist.utl.pt/bitstream/2295/645275/1/Learning%20&%20Teaching%20VFinal\[1\].pdf](https://dspace.ist.utl.pt/bitstream/2295/645275/1/Learning%20&%20Teaching%20VFinal[1].pdf) (consulted in July 2010).
- King, C. J., Ambrose, S.A., Arreola, R. A. & Watson, K. (2009). *Developing Metrics for Assessing Engineering Instruction: What gets measured is what gets improved*. Washington, D.C.: National Academy of Engineering.
- Lourtie, P. (2009). Instituto Superior Técnico, Portugal: Involving students in institutional life *Improving Quality, Enhancing Creativity: Change Processes in European Higher Education Institutions*. EUA Publications, pp 24 – 26.
- Lourtie, P. (2010). Quality Assurance Alignment *Creativity and diversity: Challenges for quality assurance beyond 2010* EUA Publications, pp 53 – 56.
- Pérez, J. F. Bou (2009). *Coaching para docentes: motivar para o sucesso*. Porto Editora. Porto.